

Francisco Bethencourt, *Estranhos na sua terra – Ascensão e queda da elite mercantil cristã-nova (séculos XV-XVIII)*, Lisboa, Temas e Debates, 2024, 672 p., ISBN: 978-989-644-860-8.

Estranhos na sua terra não é a primeira incursão de Francisco Bethencourt na história dos racismos, e, desta vez, centra-se no aparecimento e perseguição dos cristãos-novos como um dos primeiros exemplos de racismo institucional. Titular da cátedra Charles Boxer de História no King's College de Londres, o investigador demonstra como a discriminação moldou um sentimento de identidade étnica entre os cristãos-novos, e como a respetiva elite contribuiu para a expansão dos impérios e o desenvolvimento do comércio intercontinental entre os séculos XV a XVIII. Bethencourt propõe-se traçar a presença global desta minoria, examinar o auge e a natureza da sua influência e esclarecer os elementos que levaram ao seu desaparecimento como grupo social distinto. A sua abordagem insere-se na história global e social, analisando tanto as interconexões transnacionais quanto os mecanismos de exclusão. Recorre ainda à micro-história, através de estudos de caso particulares, e à história das mentalidades.

As primeiras indagações a respeito da história dos cristãos-novos, ainda no século XIX, despontaram pela investigação acerca das inquisições portuguesa e espanhola, e em particular sobre as negociações em Roma, decisões dos seus tribunais e os processos de julgamento. Em 1920, João Lúcio de Azevedo assina uma das primeiras análises abrangentes à história dos cristãos-novos entre os séculos XV a XVIII. Já a participação em movimentos espirituais (os *alumbrados*) e a presença na Companhia de Jesus por parte deste grupo mereceram a atenção de Marcel Bataillon, também ele responsável por hipóteses inovadoras sobre os mecanismos de discriminação que os afetaram (p. 41). Pesquisas sobre a sua produção literária e artística ganharam relevo, seguidas por análises ao seu papel enquanto agentes financeiros. Mais recentemente, surgiram estudos de caso sobre comunidades específicas de cristãos-novos e sefarditas, enquanto explicações que apontam o racismo como motor da perseguição começaram a ganhar espaço – ainda que baseadas em fontes limitadas. Entre os temas que mais atenção receberam destacam-se os processos migratórios desta minoria e o respetivo impacto nas redes mercantis e financeiras, bem como as parcerias estabelecidas com mercadores cristãos-velhos (p. 45). É à luz deste contexto que *Estranhos na sua terra* emerge como uma revisão inclusiva e um aprofundamento minucioso de cada uma dessas linhas de investigação, conectando-as num quadro global e complementando-as com a

consulta a dezoito arquivos e secções de manuscritos de bibliotecas localizados na Península Ibérica, Itália, Reino Unido, Vaticano, Bélgica e Peru.

Coube à Princeton University Press a publicação original desta investigação, intitulada *Strangers Within – The Rise and Fall of the New Christian Trading Elite*, em março de 2024. Oito meses volvidos, encontrava-se nas livrarias a primeira edição da obra em português, publicada pela Temas e Debates, chancela da Bertrand Editora. A obra está organizada em quatro partes, cada uma composta por quatro capítulos, num total de dezasseis, aos quais se somam uma introdução e uma conclusão, notas, agradecimentos, glossário, uma conversão de taxas de câmbio e um importantíssimo índice remissivo, essencial para navegar numa obra farta em nomes e referências. Bethencourt optou por estruturar a narrativa de forma simultaneamente cronológica e temática, permitindo uma lógica de continuidades entre vários períodos distintos.

A primeira parte deste trabalho contextualiza a posição política, comercial e financeira da comunidade judaica antes das expulsões da Península Ibérica, assim como as estratégias de integração desenvolvidas pelos cristãos-novos para enfrentar os desafios da discriminação. Sob o título “Transições (Décadas de 1490-1540)”, estes quatro capítulos examinam os primeiros conflitos entre cristãos-velhos e cristãos-novos em Castela, Aragão e Portugal, aprofundando a formação de uma identidade étnica e os caminhos de mobilidade social que permitiram a esta elite alcançar cargos públicos, eclesiásticos e académicos apesar das adversidades. Através de estudos biográficos e de famílias, os capítulos 1 e 2 observam a continuidade da elite cristã-nova nas finanças e no comércio ibéricos, recorrendo a exemplos de famílias como os Tristãos, Negros, Abravaneis, Paz e Mendes. Os capítulos 3 e 4, intitulados “Ruturas” e “Criatividade”, abordam a cisão entre cristãos desencadeada pelos estatutos de limpeza de sangue na Península Ibérica, os efeitos da visita de David Reubeni e os casos de famílias que optaram pelo exílio como estratégia de sobrevivência. Por fim, o investigador examina o início da resistência dos cristãos-novos contra o estabelecimento da Inquisição e a suas intervenções em Roma, assim como as suas contribuições literárias e artísticas enquanto espelho de uma nova e profunda indagação espiritual.

A Parte II da obra, intitulada “Expansão (Décadas 1550-1600)”, abrange os quatro capítulos seguintes e examina as repercussões do crescimento do mundo ibérico e do comércio internacional na diáspora cristã-nova. Através de uma abordagem assente em estudos de caso, Bethencourt explora os efeitos da intolerância religiosa nas escolhas destas famílias, o florescimento de Amesterdão, a atratividade dos Estados Italianos e a consolidação de redes económicas e políticas também com cristãos-velhos. Partindo da

conceptualização de redes enquanto parcerias de espectro temporário ou permanente, os capítulos 5 e 6 examinam o norte de África enquanto mercado em ascensão e o percurso e relações do banqueiro Simón Ruiz no comércio entre a Europa e o Oriente. Apesar das fontes parcas e fragmentadas, Bethencourt mapeia os principais destinos cristãos-novos durante este período, nomeadamente no Mediterrâneo Oriental, Ásia, Europa, África e Américas, e o modo como estas migrações fomentaram acordos de aprendizagem, estabeleceram agentes e associados, e reforçaram vínculos entre famílias e comunidades judaicas. Com recurso a uma investigação genealógica meticulosa, o autor ilustra as ligações entre a elite mercantil cristã-nova e práticas como o tráfico negreiro. Os capítulos 7 e 8 dirigem-se ao estudo dos bens acumulados por este grupo e dos valores que orientavam as suas decisões, realçando que a “investigação da propriedade dos bens irá permitir que olhemos para investimentos, formas de herança, normas sucessórias, alianças matrimoniais e mobilidade social” (p. 201). Assim, a partir de testamentos e julgamentos, extraem-se fragmentos que reconstituem vidas, datas e lugares, compondo um quadro pormenorizado do contexto social e económico destas famílias, nunca descurando o papel das mulheres. A contribuição desta elite em áreas como o pensamento político, literatura e história natural compõe o final da Parte II, assim como o seu reflexo no debate sobre os estatutos de limpeza de sangue e no perdão geral de 1604.

A primeira metade do século XVII é abordada na Parte III, intitulada “Resistência (Décadas de 1600-1640)”. À semelhança das Partes I e II, Bethencourt demonstra cuidado em contextualizar o período, articulando os efeitos da pressão e rivalidade holandesa e inglesa no comércio internacional e a crise das finanças régias. Simultaneamente, destaca a consolidação dos financeiros cristãos-novos como banqueiros em Madrid. Nos capítulos 9 e 10, o autor examina os conflitos de valores desencadeados pelo perdão geral e a subsequente radicalização da Inquisição. Apesar da presença da elite cristã-nova na corte, a discriminação em Portugal continuou a intensificar-se, marcada pela revogação de privilégios e pela influência do Santo Ofício mesmo em períodos sem inquisidor-geral. Bethencourt revela ainda como a rivalidade entre mercadores contribuiu para o declínio dos cristãos-novos na América castelhana, agravado pela restauração da independência de Portugal em 1640, que fragmentou esta elite entre os leais ao rei português e ao Áustria. A análise à geografia dos negócios onde os cristãos-novos vingaram cabe ao Capítulo 11, em cinquenta páginas que abordam o estabelecimento da elite mercantil no globo. Com recurso a mapas, telas, ilustrações e fotografias, o autor demonstra a influência dos cristãos-novos na Ásia, América castelhana,

Brasil, Sevilha, Madrid e Lisboa, argumentando que “o meio do século XVII talvez possa ser definido como um ponto culminante da atividade dos cristãos-novos nos negócios” (p. 394). Por fim, o escritor explora as formas como a elite mercantil cristã-nova se percecionava, recorrendo à interpretação de programas iconográficos e à cultura material para desvendar os significados textuais e visuais associados ao sentimento de pertença, à condição social e às fidelidades religiosas.

Os últimos quatro capítulos da obra compõem a Parte IV, intitulada “Declínio (Décadas de 1650-1770)”. Nesta secção, o autor identifica o aumento significativo de processos instaurados pela Inquisição entre 1650 e o final da década de 1660 como um ponto de viragem na história dos cristãos-novos, explicitando como o pedido de perdão geral em Roma por parte desta elite resultou de décadas de repressão, que levaram a uma “erradicação calamitosa de confiança e capital, enfraquecendo enormemente a capacidade operacional dos principais mercadores e banqueiros” (p. 427). No capítulo de abertura, intitulado “Perseguição”, o autor investiga, em fontes de arquivo, detenções coletivas e a orientação das ações inquisitoriais em Portugal e Castela, examinando as suas motivações e o impacto destas ondas de perseguição no contexto das transformações dos mercados internacionais. Bethencourt traça as conexões entre as fortunas de famílias cristãs-novas e as comunidades judaicas no estrangeiro, enquanto compara o papel político dos reis de Portugal e Castela na configuração destas relações. Em “Suspensão” é abordado o aumento dos julgamentos que visaram mercadores e banqueiros influentes, eventos que, segundo o autor, acentuaram a intervenção desta comunidade em Roma. Os capítulos finais exploram as décadas subsequentes ao breve pontifício *Romanus Pontifex* de 1681, marco das negociações políticas entre Portugal e Inocêncio XI. O autor analisa as repercussões do restabelecimento dos tribunais inquisitoriais e da retirada do apoio régio por D. Pedro II, que culminou na decisiva “perda de privilégios e a expulsão de todos os cristãos-novos reconciliados *in forma* (com confissão) pela Inquisição” (p. 544). Ademais, Bethencourt integra uma reflexão sobre os efeitos da Guerra da Sucessão de Espanha, ampliando o contexto político e social deste período. Por fim, intitula o Capítulo 16 de “Imersão” por entender que os cristãos-novos não desapareceram, mas sim deixaram de ser uma etnia distinguível após séculos de perseguição e de assimilação. Francisco Bethencourt debruça-se sobre as últimas tentativas de afirmação deste grupo, nomeadamente a sua retirada para longe do centro político português, e a “viragem ideológica da elite política relativamente à limpeza de sangue no reinado de D. José I” (p. 547).

O século XVIII trouxe consigo transformações decisivas: um novo sistema de valores, mudanças nas condições do comércio internacional e mutações

sociais e políticas que precipitaram o fim da identidade cristã-nova enquanto categoria distinta. Francisco Bethencourt trabalha esta mutação com mestria e consegue, com êxito, reunir num único volume diversas linhas de investigação que se encontravam por conectar, acrescentando temas negligenciados pela historiografia num produto final coeso, minucioso e global. No entanto, a estrutura temático-cronológica poderia ter sido reconsiderada, uma vez que compromete, em certos momentos, uma reflexão mais fluida sobre alguns vetores centrais por parte do leitor. Esta limitação torna-se particularmente evidente no que respeita à produção cultural cristã-nova, cuja evolução não se apresenta de forma plenamente perceptível após uma leitura contínua da obra. Ainda assim, a clareza da sua escrita e a fluidez da narrativa tornam-na obrigatória para historiadores e altamente recomendável para qualquer leitor apaixonado por história.

Maria Rita Loio

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

mariaritaloio@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-5023-4015>

